



NEW AGE LIBERALISM E REVOLUCIÓN CULTURAL: O ENSAIO POLÍTICO IDEOLÓGICO DE OLAVO DE CARVALHO DE 1994

*New Age Liberalism and Cultural Revolution: The
1994 Olavo De Carvalho's political Ideological
Essay*

Renan Rivaben Pereira*

Recebido em: 31/03/2025

Aprovado em: 29/06/2025

Resumo: Olavo de Carvalho pode ser considerado a figura intelectual mais influente ou popular do radicalismo brasileiro à direita do século XXI. A fim de rastrear as suas influências e do próprio campo político do qual esteve inserido colocamos no centro da análise o seu livro publicado em 1994 por Stella Caymmi. A pesquisa mapeou radiadores e receptores daquele ideário, bem como fontes, temas e argumentos – nacionais e internacionais - que comporiam a estrutura argumentativa de Carvalho sobre a *Nova Era* e a *Revolução Cultural*. Obstante a importância das redes digitais para a consolidação política internacional das novas direitas do século XXI, notamos uma profusão ideológica antiprogressista de padres latino-americanos e ideólogos estadunidenses no qual Carvalho, ainda no final dos anos 1980, ancorou-se para depois assegurar sua importância e singularidade no campo ultraconservador.

Palavras-chave: direitas radicais; Olavo de Carvalho; revolução cultural.

Abstract: Olavo de Carvalho can be considered the most influential or popular intellectual figure of Brazilian right-wing radicalism in the 21st century. In order to trace his influences and those of the political field in which he was embedded, we place at the center of our analysis his book published in 1994 by Stella Caymmi. The research mapped the transmitters and receivers of that ideology, as well as the sources, themes, and arguments—both national and international—that would shape Carvalho's argumentative structure regarding the New Age and

* Doutorando em História, linha: História do Tempo Presente pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Email: renanpereira10@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9972-226X>



the Cultural Revolution. Despite the importance of digital networks for the international political consolidation of the new right-wing movements in the 21st century, we observe an anti-progressive ideological profusion from Latin American priests and U.S. ideologues as early as the late 1980s, on which Carvalho had anchored himself before later securing his significance and singularity in the field.

Keywords: Far-right; Olavo de Carvalho; cultural revolution.

Introdução

A ascensão das novas direitas ou direitas radicais, movimento político que possibilitou o retorno do conservadorismo à presidência do Brasil em 2018, ocorreu por meio de um discurso inflamado contra o *establishment* e o campo progressista. Entre os diversos atores envolvidos, muitos jovens passaram a se enxergar como vítimas de uma hegemonia cultural que os dominava há décadas. Segundo a cientista política Camila Rocha, Olavo de Carvalho e sua atuação digital destacaram-se como denunciadores protagonistas desse suposto sistema ideológico e corrupto (Rocha, 2022; Rocha e Medeiros, 2021, p. 7). Uma década antes do surgimento das novas direitas, Carvalho já escrevia sobre uma revolução em marcha no país via meios de comunicação e cultura em um pequeno livro de 1994: “Sim, o Brasil está inequivocamente entrando numa atmosfera de revolução comunista” (Carvalho, 2014, p. 16).

Em *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*, Olavo de Carvalho expôs que duas correntes de pensamento lideradas por Capra e Gramsci invadiam o cenário nacional e ganhavam empresários, acadêmicos e políticos. Segundo Ronald Robson, mestre em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), aquele livro marcou a estréia do seu ex-professor como filósofo (Robson, 2023, local 209 de 819). E, em 2019, Stella Caymmi, doutora em Literatura brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), gravou uma série de vídeos para seu canal no *YouTube* comemorando



as bodas de prata do lançamento do mesmo.¹ Ex-aluna e amiga íntima de Carvalho, a neta de Dorival Caymmi relatou que, no início dos anos 1990, ofereceu o manuscrito às grandes editoras, mas decidiu editá-lo e publicá-lo por conta própria diante das recusas.²

O objeto central de análise desse artigo é, justamente, o manuscrito filosófico político de Olavo de Carvalho publicado em 1994 que, não obstante, não se resumia a crítica das esquerdas e do marxismo gramsciano. Na apresentação de aba da segunda edição, ainda em 1994, o pouco conhecido escritor Antônio Fernando Borges escreveu: “Com rara lucidez, Olavo de Carvalho dissecou o que há em comum entre a ideologia direitista de Capra e o catecismo esquizofrênico de Gramsci”.³ A fim de entender o que seria a “ideologia direitista” de Capra e a “Revolução Cultural” de Gramsci, a pesquisa se debruçou sobre diferentes autores e esferas de produção intelectual e engajamento ideológico no continente americano e europeu. A partir de uma história intelectual que não se prende aos cânones e valoriza os processos transnacionais de circulação de ideias, esse estudo visa ser uma contribuição aos trabalhos sobre direitas políticas, conservadorismos e anticomunismos.⁴

Seguindo a mesma estrutura das primeiras edições nada requintadas do livreto de Olavo de Carvalho, começaremos nossa análise pelo primeiro capítulo - *L’Ana Caprina, ou: a sabedoria do Sr. Capra* – e suas relações com autores alternativos estadunidenses e a chamada *New age liberalism*. Depois,

¹ Segundo Stella Caymmi, o lançamento de *A Nova Era e a Revolução Cultural* ocorreu no anfiteatro do Centro Educacional da Lagoa (CEL), tradicional colégio da Zona Sul do Rio de Janeiro e, posteriormente, os alunos dele também adquiriram o livro. (Caymmi, 2019).

² O lançamento ocorreu no anfiteatro do Centro Educacional da Lagoa (CEL), tradicional colégio da Zona Sul do Rio de Janeiro e, segundo ela, o evento foi um sucesso e, posteriormente, os alunos de Olavo também adquiriram o livro (Caymmi, 2019, min. 12-13).

³ Antônio Fernando Borges ganhou, em 1997, o Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira na categoria de estreadores com o livro *Que fim levou brodie?*.

⁴ Segundo Ermitage (2014), a virada internacional na história intelectual pode favorecer a delimitação de comunidades discursivas e o mapeamento de rotas de transmissões ativas ou passíveis de caráter transnacional. No entanto, o autor foi categórico quanto a importância da reconstrução dos imprescindíveis espaços àquelas ideias traçadas (2014, p. 251). Já Mussi e Bianchi (2022), ao propor um estudo transnacional de autores e ideias “inadequados” ao cânone gramscista falaram de uma história intelectual ampla e integrada (p. 2) Devido ao tema, às fontes e a abordagem feita, o trabalho de Mussi e Bianchi foi de suma referência e inspiração para este.



passaremos para o segundo – *Sto. Antonio Gramsci e a salvação do Brasil* – e como o antigramscismo, já no final dos anos 1980, já era uma realidade internacional, latino-americano e brasileira. E, por fim, trataremos das conclusões finais do livro de Carvalho a fim de capturar as influências, proximidades e singularidades de suas ideias perante um campo político internacional e nacional marcado pela rejeição absoluta ao ideário esquerdista e liberal progressista.

Fritjof Capra e a ecoalfabetização

Doutor em física pela Universidade de Viena, Fritjof Capra dirige até hoje um centro de ecoalfabetização na Califórnia. Capra ficou conhecido mundialmente como escritor e ativista ambiental depois de dois *best-sellers* que foram traduzidos para o português, *The Tao of Physics* (1975) e *The Turning Point* (1982). Capra esteve diversas vezes no Brasil, como quando, em 2003, participou de um evento com Marina Silva e, em 2006, foi o entrevistado do programa Roda Viva da TV Cultura. Em 1993, propagandas no jornal *Estado de S. Paulo* anunciavam apresentações de Capra em diferentes capitais do país e, segundo outras fontes, ele ainda se encontrou com o ecologista brasileiro José Lutzenberger em Porto Alegre (Belmonte, 2003).

Chamado de empreendedor ecológico, o brasileiro Lutzenberger liderou iniciativas de reciclagens e produtos naturais na década de 1980 e depois chegou a ser Secretário Especial do Meio Ambiente no governo Collor. Em 1993, Lutzenberger esteve presente, segundo consta, no III Congresso Holístico Panamericano promovido pela Universidade Holística de Brasília ou Universidade da Paz (UNIPAZ). No livro de Carvalho de 1994, ele disparou não ter cabimento a Universidade Holística de Brasília ter convidado Fritjof Capra para palestrar em um evento de figuras notáveis, como a de Cristovam Buarque e do jornalista e escritor Frei Betto (Carvalho, 2014, p. 25). O evento em questão, em novembro de 1993, abordou temas como arte, corpo, meditação e sabedoria



sapiencial e, além dos nomes já citados, contou com a presença de Gilberto Gil, Caetano Veloso, Juca Ferreira e Lia Diskin.⁵

| 106

No mesmo mês daquele congresso mencionado por Carvalho, o *Jornal de Recursos Humanos do Estado de S. Paulo* destacou que Fritjof Capra realizaria apresentações em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre para tratar do seu novo livro *O ponto de mutação*. Aquela década, segundo a reportagem, era a do Meio Ambiente e Capra trazia uma nova visão holística, ecológica e sistêmica, no qual os empresários poderiam aderir (Fritjof Capra, 1993, p. 11).

O livro *The Turning Point* (1982) fora traduzido para 16 idiomas e virou filme em 1990 pelo diretor Bernt Capra, irmão de Fritjof.⁶ Numa edição em português de 1997, foi destacado que Capra já tinha demonstrado em *O Tao da Física* (1976) os paralelos entre a física e as tradições orientais, e que agora trazia uma nova visão de sociedade, saúde, economia e tecnologia a partir da integração entre saberes tradicionais, nova física, ecologia, psicologia junguiana e feminismo (Capra, 1997). Em resumo, Capra tratava no livro de uma crise societária no qual apenas uma transformação do conhecimento e da mente a superaria, e então a história adentrar-se-ia em um novo período: a “Idade Solar”.⁷ Um hexagrama taoista do *I Ching* foi anexado na epígrafe do livro para fazer referência aquela grande transformação:

Ao término de um período de decadência sobrevém o ponto de mutação. A luz poderosa que fora banida ressurgue. Há movimento, mas este não é gerado pela força... O movimento é natural, surge espontaneamente. Por essa razão, a transformação do antigo torna-se fácil. O velho é descartado, e o novo é

⁵ Além desses citados por Carvalho, o site da UNIPAZ informou os seguintes nomes presentes no Congresso: Mãe Stela, Gilberto Gil, Caetano Veloso, João Eurico Matta, Juca Ferreira, Mestre Liu Pai Lin, Robert Muller, Abelardo Brenes, Pierre Weil, Sister Jayanti, Octavio Rivas Solis, Juan José Tapia, Craig Gibsone, May East, Harbans Lal Arora, Martha Vecchio, Vera Arora, Mechthild Scheffer, Jaime Treigger, Robert Muller, José Lutzemberger, Miguel Enriquez, Cristovan Buarque, Ken O'Donnell, Lia Diskin, Nilton Bonder, Arnoldo Hoyos, Bené Fontelles, Sônia Café e Neyde Marques. Ver UM POUCO da história. Site da Universidade da Paz. Disponível em: <https://unipaz.org.br/historico/>. Acesso em: 16 de jul. 2024.

⁶ O filme *MindWalk* encontra-se disponível no YouTube. (Mitchell, 2020)

⁷ Ver o capítulo “A passagem para a Idade Solar” in CAPRA, Fritjof. *Op cit.*, p. 380.



introduzido. Ambas as medidas se harmonizam com o tempo, não resultando daí, portanto, nenhum dano (*I Ching* apud Capra, 1997).

| 107

Voltando a Olavo de Carvalho, esse escreveu em 1994 que Fritjof Capra ganhava espaço no Brasil nos círculos acadêmicos e empresariais, as escolas também adotavam o seu livro, porém o mais impressionante era os intelectuais de projeção que aceitavam aquelas besteiras por culpa, segundo Carvalho, de séculos de negação de saberes não ocidentais (Carvalho, 2014, p. 25 e 38). Entre muitas críticas de Carvalho à Capra, destacamos aquela no qual Capra estaria distorcendo a história para integrar o feminismo às doutrinas orientais, como o taoísmo, que jamais enxergariam, por exemplo, o patriarcado como um desequilíbrio.⁸ Apesar das críticas, Carvalho concordava com Capra sobre a proposta da ciência holística e a substituição das visões de mundo que pregavam o domínio absoluto do homem sobre a natureza, como o marxismo.⁹

Em todo o caso, Carvalho definiu Capra como um “profeta” da Nova Era que, por sua vez, tratava-se de um movimento que convocava à “regressão uterina”, à “antevisão mediúnica de delícias sem fim” e à “fusão das consciências individuais numa sopa de miragens holísticas” (2014, p. 31-32). Segundo Carvalho, Capra era o sintoma agudo da crise intelectual estadunidense, era a

⁸ “Eis aqui um caso típico. Para livrar-se do odioso patriarcado, diz o nosso profeta, a humanidade deveria inspirar-se no exemplo da civilização chinesa, cuja concepção da natureza humana, expressa sobretudo no *I Ching*, “está em flagrante contraste com a da nossa cultura patriarcal”. Buscando agora munição antipatriarcal nas páginas do *I Ching*, o leitor encontrará, no hexagrama 37, as seguintes recomendações: “A esposa deve ser sempre guiada pela vontade do senhor da casa, isto é, pelo pai, pelo marido ou pelo filho adulto. O lugar dela é dentro de casa”. A vida que Betty Friedan pediu a Deus. Aliás, segundo informa Marcel Granet no clássico *La Civilisation Chinoise*, o feudalismo chinês, período no qual se redigiu o grosso dos comentários do *I Ching*, “repousa sobre o reconhecimento do predomínio masculino.” (Carvalho, 2014, p. 27).

⁹ “O Sr. Capra acerta na mosca (nenhum profeta pode realizar o prodígio de errar sempre) ao dizer que sua visão da história cultural é uma alternativa ao marxismo. Para Marx e seus epígonos, a natureza nada mais é que o cenário da história humana. Está aí não como um ser, uma substância ontológica que o homem deva contemplar e respeitar em sua constituição objetiva, mas como matéria-prima a ser apropriada e transformada livremente segundo o arbítrio humano. A natureza, em Marx, é *ancilla industriae*. O marxismo prossegue a tradição de prometeísmo revolucionário do Renascimento, potencializando-a mediante a submissão completa e explícita da natureza à história. A isto é que se opõe a ideologia da Nova Era.” (Carvalho, 2014, p. 30).



parte externa (exotérica) do pensamento estratégico (esotérico) simbolizado por Francis Fukuyama: “Capra é inconcebível sem Fukuyama. Capra é a casca da qual Fukuyama é o miolo” (2014, p. 31-32). Apesar daquela pequena publicação não oferecer aos leitores explicações mais detalhadas sobre a “Nova Era” ou quem era ou simbolizava o cientista político Francis Fukuyama, engajamentos radicalmente à direita nos Estados Unidos já realizavam na época essa conexão entre o movimento da Nova Era Nova e o liberalismo político.¹⁰

New Age Liberalism ou Aquarian Conspiracy

No início dos anos 1990, o conservador estadunidense Rush Limbaugh já discutia o que chamava de “*New Age liberalism*”. Em seu livro *See, I told you so*, publicado em 1993, afirmava que fora a década de 1960 e a sua crença na “*Age of Aquarius*” que tinham moldado os democratas, como os Clinton e Arnold Gore Jr. (Limbaugh, 1993, p. 130). Para Rush Limbaugh, o empresário de sucesso Al Gore, na época vice-presidente dos Estados Unidos, seria um “evangelista ambiental” que, não diferente de todos os outros ambientalistas, não passava de um místico pregador do paganismo ao estilo “*New Age*”. Se Olavo de Carvalho escreveu que até as crianças nas escolas brasileiras liam Capra, Rush Limbaugh também alertava os seus leitores de que eram os ambientalistas místicos que ensinavam os seus filhos nas das universidades.

Except for allusions to the Earth goddess Gaia, there is no mention of a supreme being or a Creator in this story. This, my friends, is what they're teaching your kid at Harvard. If you ever doubted me when I said that the militant environmentalists were anti-people New Age mystics, this article should prove my case (Limbaugh, 1993, p. 173).

Exceto por alusões à deusa da terra Gaia, não há menção a um ser supremo ou a um Criador nesta história. Isto, meus amigos, é o que estão ensinando ao seu filho em Harvard. Se você alguma vez duvidou de mim quando eu te disse que os

¹⁰ Para além da fragilidade didática do autor, pode-se interpretar essa ausência de explicação como um indicativo de que o tema já era familiar ao seu público-alvo. Carvalho, ainda em 1994, não tinha a projeção que conquistaria posteriormente, mas já era lido por seus próprios alunos, como mencionara Stella Caymmi (2019).



ambientalistas militantes eram místicos antipovo da Nova Era, este artigo deve provar o meu ponto. (tradução minha)

Comentarista político e personalidade do rádio estadunidense, Rush Limbaugh ganhou destaque com o seu longo programa, criado em 1983, *The Rush Limbaugh Show*. Quando jovem, ele abandonou o curso de ciências políticas na *Southeast Missouri State University* para trabalhar no rádio e, a partir de 1988, seu programa passou a ser transmitido nacionalmente e adquiriu influência dentro do Partido Republicano.¹¹ Limbaugh recusava-se já na época a acreditar no que chamava de, pejorativamente, “imminente holocausto ambiental”. E, apesar do negacionismo e das generalizações grosseiras, o autor radialista não estava equivocado totalmente quando estabelecia a relação entre ambientalistas e o movimento da Nova Era. O republicano Al Gore, por exemplo, foi apresentado à questão ambiental na década de 1960 e, em 1992, publicou o livro *Earth in the Balance: Ecology and the Human Spirit* no qual enfatizava que a crise ecológica era também o reflexo da crise interna do espírito humano (Leão e Giraldi, 2010, p. 130).

O termo “Nova Era” tem origem na astrologia e refere-se, em sentido estrito, à chegada da Era de Aquário que seria mais pacifista e espiritual do que a atual Era de Peixes. Já como movimento cultural e religioso, a “Nova Era” pode ter se iniciado nos anos 1950 com os cultos a OVNI, mas só tomou consciência de si no final dos anos 1970. Segundo De la Torre (2013), o movimento confeccionava ecléticas e híbridas analogias de mundo em “retalhos espirituais”, e pode ser também entendido, de acordo com Colin Campbell, como um sincretismo dinâmico de doutrinas e práticas conduzido por coletividades, instituições e publicações (1972, p. 122 apud Guerriero, 2016, p. 13-17).

Embora não resultasse numa crença milenarista fervorosa, o movimento da Nova Era incorporou de forma explícita ou sutil o ideal de um tempo de

¹¹ Em 1992, o livro *Things Ought to Be* chegou a vender quatro milhões de cópias e, como em outras publicações suas, Limbaugh trazia ensaios críticos curtos à cultura progressista, aos democratas, ao feminismo e ao movimento negro (Mussi e Bianchi, 2022, p. 13).



reencontro do ser humano com o melhor de si: nova consciência, nova espiritualidade e novos ou resgatados saberes que permitiriam a reinvenção do indivíduo e da sociedade. Ainda que apresentasse múltiplos contornos, pode-se dizer que a ideia fundamentava-se na esperança de um futuro de progresso disruptivo que Capra, por exemplo, denominou de “*the turning point*” rumo à “Idade Solar” e a escritora estadunidense Marilyn Ferguson, por sua vez, preferiu o termo “*Aquarian Conspiracy*” para representar à guinada rumo à “Era de Aquário”. Veja:

A fim de tornar clara a natureza benévola dessa ligação escolhi a palavra “Aquariana”. Embora me faltem conhecimentos astrológicos, fui atraída pela força simbólica do sonho difundido em nossa cultura popular: que após uma era violenta e negra, a de Peixes, estamos entrando em um milênio de luz e de amor, ou, como diz uma canção popular, “a Era de Aquário”, a era da “verdadeira libertação da mente” (Ferguson, 1995, p. 19. Apud: Guerreiro e Bein, 2021, p. 266).

O historiador Wouter Hanegraaff (1996, p. 98) considerou que o livro *The Aquarian Conspiracy* (1980) de Marilyn Ferguson foi o primeiro manifesto do movimento novaerista em *sensu lato*. Nele, argumentava-se que novas descobertas científicas evidenciavam capacidades humanas pouco exploradas, como a conscientização expandida, o aprendizado acelerado, o poder interior de cura e a recuperação de memórias. Fenômenos psíquicos e antigos místicos seriam então entendidos e explicados por um novo paradigma do conhecimento que integraria o antigo e o novo, a arte e a tecnologia e a magia e a ciência. Assim como Capra, Ferguson também tratava de um novo paradigma do conhecimento baseado na física quântica e, não por acaso, tomava Capra como uma referência.¹²

¹² Há relatos que Oscar Motomura, fundador da empresa de consultoria Amana-Key, realizou evento no Brasil, no início da década de 1990, que contou com a participação de Capra e Ferguson (Buonanni, 2016).



Segundo ambos, os ativismos políticos da década de 1960 eram espécie de raiar dessa nova mentalidade que se sobreporia.

Alguns meses após o lançamento do livro de Marilyn Ferguson, a revista norte-americana *Executive Intelligence Review* (EIR) trouxe em sua capa o seguinte título: ***The Aquarian Conspiracy's Road to Orwell's 1984***. Segundo o editor-chefe da publicação, a decadência moral, cultural e intelectual que avançava sobre a nação não era um fenômeno espontâneo, mas uma conspiração de engenheiros sociais que utilizavam drogas, mídias e teorias psicológicas. Se Rush Limbaugh ridicularizava a “*Age of Aquarius*”, antes disso a *EIR* de Lyndon LaRouche a via como uma conspiração nefasta, capaz de alienar a sociedade e conduzi-la a um cenário totalitário e sombrio, semelhante ao descrito no romance *1984* de George Orwell.¹³

Lyndon LaRouche foi uma figura singular na política estadunidense e chegou a se candidatar oito vezes à presidência.¹⁴ Com raízes ideológicas marxistas, integrou o *Socialist Workers Party* na década de 1960 e, depois, liderou um grupo de estudantes da Universidade de Columbia, o *National Caucus of Labor Committees*. Apesar de sua ligação com o movimento estudantil, abandonou a *Northeastern University* em Boston alegando que seu intelecto ali não era desafiado e, em 1976, concorreu pela primeira vez à presidência pelo partido *United States Labor Party*. Com o tempo as suas posições foram guinando para o extremismo de direita, incluindo discursos de caráter conspiratório e antissemita. Já nas eleições de 1980, LaRouche conseguiu reunir 526 mil dólares em fundos e iniciou uma campanha contra o que chamava de “*New Dark Age*” promovida por aristocratas britânicos (Johnson, 1983, p 187-

¹³ Os romances de Orwell, principalmente, *1984* foram apropriados posteriormente pelas direitas radicais do século XXI. *Depois da vitória de Donald Trump nos EUA, em 2016, as vendas de 1984 cresceram 9000%. Em 2021, o senador Josh Hawley disse que, por exemplo, o banimento da conta de Trump do Twitter era sinal de que já se vivia 1984 e então o livro subiu, novamente, ao topo dos mais vendidos da Amazon.* (COMO A DIREITA... *Estado de S. Paulo*, 2021)

¹⁴ LaRouche foi definido em reportagem do jornal *New York Times* como um líder apocalíptico e quixotesco. (Severo, 2019)



188). No final dos anos 1980, ele foi preso por aplicar golpes na receita federal, porém não deixou de concorrer às eleições presidenciais até 2004.

| 112

Apesar de nunca ter conseguido votação expressiva, LaRouche tinha seguidores fora dos Estados Unidos e, em meados da década de 1970, sua organização já possuía 26 escritórios, incluindo Europa e América Latina (Italie, 2019) (Severo, 2019). Em 1987, por exemplo, o deputado federal Luiz Salomão (PDT) denunciou uma suposta conspiração contra de empresários nacionais e internacionais contra o Brasil com base em informações fornecidas pelo correspondente da *EIR*.¹⁵ E, em 1998, o político Enéas Carneiro exibiu a *EIR* no programa de TV aberta *Ratinho Livre*. A edição que o político carregava, de agosto de 1997, fazia na capa uma alusão direta entre o investidor internacional George Soros e a produção de drogas ilícitas no continente sul-americano. Segundo Enéias Carneiro, Soros era o rei narcotraficante que tinha comprado a estatal Vale do Rio Doce.¹⁶

Não é novidade que Enéas Carneiro e seu Partido de Reedificação da Ordem Nacional (Prona) defendiam posições extremistas à direita, mas a relação desses com LaRouche e suas ideias não eram só de ordem informativa ou passiva. Em 1998, a mulher de LaRouche, a alemã Helga LaRouche, chegou a participar com Enéas de um evento na Câmara Municipal de São Paulo (Caldeira, 2016,). Em seu discurso, Helga LaRouche atacou o neoliberalismo, as privatizações, a “Nova Era” e a contracultura do rock, das drogas e do sexo (Caldeira, 2016, p. 287-286). No Brasil, Helga LaRouche se encontrou ainda com o advogado José

¹⁵ O deputado federal do PDT, em discurso ao plenário, disse que um grupo de empresários estava por trás da derrubada do ministro da Fazenda Dilson Funaro e, ainda, interferiam na Constituinte. Denominada “Projeto Democracia”, a conspiração contaria com políticos e empresários, como Afif Domingos (PL), Roberto Campos (PDS), Amaury Temporal e Roberto Marinho e o principal braço internacional seria o diretor da Agência de Informações dos Estados Unidos (USIA) e operador de finanças do cinema e da televisão norte-americana, Charles Z. Wicks. Segundo o deputado, o correspondente também disse que o “Projeto Democracia” começou a ser descoberto a partir do escândalo do Irãgate, visto que ali se percebeu um governo secreto e paralelo nos Estados Unidos atuando contra outras soberanias nacionais. (LUIZ SALOMÃO..., 1987, p. 5)

¹⁶ No mesmo programa de TV, Enéas afirmou que apenas 200 pessoas no Brasil tinham acesso a *EIR* (Enéas TV, 2016, min. 8)



Carlos Graça Vagner que foi o primeiro a denunciar, segundo o próprio Olavo de Carvalho, a existência do Foro de São Paulo.¹⁷ A suposta trama internacional que envolveria Lula, Chávez, Fidel, movimentos sociais, empresários e narcotraficantes para ganhar eleições e comunizar a América Latina seria um dos motes centrais do engajamento anticomunista de Olavo de Carvalho nos anos 2000.

Sobre ainda o alcance dessas mídias alternativas estadunidenses, o próprio Olavo de Carvalho escreveu em artigo de 2006 que o material da *EIR* de LaRouche chegava a ser traduzido no Brasil. Voltando ao livro de Rush Limbaugh, esse ainda abordou ali outro tema primordial para Carvalho em sua ascensão como ideólogo. O radialista conservador estadunidense escreveu que achava irônico seu país comemorar vitória na Guerra Fria enquanto as ideias comunistas não cessavam de conquistar corações e mentes norte-americanos. A explicação de Limbaugh era que as principais instituições culturais do país - imprensa, entretenimento, artes, universidades, escolas, livrarias e ONGs - eram capturadas por uma estratégia revolucionária de um “*obscure Italian communist*” (Limbaugh, 1993, p. 87).

Intelectuais católicos e *la Revolución Cultural*

No capítulo *Sto. Antonio Gramsci e a salvação do Brasil*, Olavo de Carvalho não cita diretamente as obras do italiano, porém algumas publicações nacionais e internacionais a respeito. Em nota de rodapé, comentou o livro *Antônio Gramsci. Uma Vida* (1982) da intelectual italiana Laurana Lajolo e, no corpo do texto, citou o jornalista brasileiro Márcio Moreira Alves que, segundo ele, era um dos poucos a conhecer o tema fora do universo petista, e ainda

¹⁷ “Mas a história não era invencionice, nem havia começado com [Armando] Valladares. No Brasil, muito antes disso, o primeiro a denunciar a existência do Foro, bem como sua submissão estratégica aos ditames da esquerda chique norte-americana, (os Clintons e *tutti quanti*), foi o advogado paulista José Carlos Graça Vagner, que havia reunido uma impressionante documentação a respeito mas foi impedido, por doença grave, de prosseguir seu trabalho de investigação.” (Carvalho, 2005).



mencionou, rapidamente, a tese de livre docência de Oliveiros da Silva Ferreira, professor da Universidade de São Paulo (USP). De qualquer forma, o autor cravou que era fora do país que circulavam as críticas “devastadoras” à Gramsci.

| 114

[...] Na verdade, fora dos círculos do petismo letrado, só sabem de Gramsci uns quantos acadêmicos, entre os quais Oliveiros da Silva Ferreira, que defendeu uma tese sobre o assunto numa USP carregada de odores gramscianos, na década de 60. Gramsci continua esotérico, lido só em família, a salvo de qualquer crítica exceto amigável — uma crítica dos meios, conivente com os fins, numa atmosfera de culto e devoção que raia a pura e simples babaquice. Mas pelo mundo civilizado circulam críticas devastadoras, que provavelmente jamais chegarão ao conhecimento do público brasileiro. Assinalo as de Roger Scruton e Alfredo Sáenz, que tomam o assunto por lados bem diferentes daquele que abordo neste livro, mas chegam a conclusões não menos reprobatórias (2014, p. 64-65).

Antes de atentarmos aos autores citados por Carvalho, vale a pena saber que o antigramscismo possuiu, em geral, duas correntes de disseminação internacional: uma latina católica e outra conservadora anglo-americana. Seguindo as referências do artigo do Alfredo Sáenz citado por Carvalho - *La estratégia ateísta de Antonio Gramsci* – é frequente o nome do intelectual católico italiano Augusto Del Noce.¹⁸ Formado na Universidade de Turim e preocupado com as revoltas estudantis da década de 1960, Del Noce foi, talvez, o primeiro a abordar Gramsci no campo conservador (Mussi e Bianchi, 2022, p. 3-4). Segundo ele, Gramsci propunha uma revolução no ocidente de forma parecida com a do intelectual fascista Giovanni Gentile, e a força revolucionária das suas ideias estariam no conceito original de sociedade civil e no abandono do economicismo marxista.

Fora da Itália, Gramsci apareceu também entre conservadores ingleses e estadunidenses numa rede de revistas e *think tanks* (Mussi e Bianchi, 2022, p.

¹⁸ Alfredo Sáenz chega a citar Del Noce na íntegra. “Como bien dice Del Noce, ‘la así llamada evolución democrática del comunismo consiste en el paso del terror físico a la marginación moral’ (1977, p. 163 apud Sáenz, 1988, p. 36).



11). Citado em por Carvalho, o acadêmico e escritor inglês Roger Scruton fundou a revista *Salisbury Review*, em 1982, e trouxe ao debate Gramsci e outros intelectuais não gratos dentro daquele espectro.¹⁹ Se, ironicamente, Carvalho chamava Antonio Gramsci de “santo” em 1994, o conservador inglês já tinha tratado sobre o que chamou de “canonização” e “processo hagiográfico” de Gramsci na esquerda. Leia:

A canonização de Gramsci é de fato da maior importância para aqueles que viriam a compreender a evolução do pensamento de esquerda. Todo desenvolvimento teórico crítico requer uma atmosfera de "luta", tal como a que ocorreu em 1968, que ofereça os sentimentos necessários de solidariedade. Mas ele também requer uma figura de ponta, que seja herói ou mártir na causa da revolução. Para qualificar assim uma figura de ponta, não é suficiente ser um líder resoluto. É necessário também estabelecer suas credências como um intelectual; reivindicar alguma contribuição ao "pensamento socialista", que, ao mesmo tempo, explicará e justificará seu papel crítico na prática socialista. As figuras de ponta dos movimentos da esquerda moderna foram, portanto, consistentemente apresentadas como intelectuais: o extraordinário mito concernente ao "cérebro de Lênin" é somente uma instância de um processo hagiográfico permanente, no qual os pensadores de segundo escalão (tais como o próprio Lênin) são apresentados como protótipos de inteligência e sabedoria, cujas palavras são oráculos e cujos feitos são também revelações (Scruton, 2014, p. 88).

Sem dúvida, Roger Scruton e o seu livro *Thinkers of the New Left* (1985) adquiriram espaço internacional como bibliografia conservadora, mas na América Latina pode-se dizer que a veia antigramscista e o conceito *revolución*

¹⁹ Em 1985, juntou esses textos numa coletânea e explicou porque incluía intelectuais anarquistas, marxistas e liberais no mesmo pacote, “a nova esquerda”. Em sua análise, todos contribuíram para a construção, nos anos 1960 e 1970, de um mesmo consenso que reabilitou autores comunistas e desabilitou defensores dos costumes, instituições e políticas ocidentais. Assim como Del Noce, Roger Scruton analisou os movimentos estudantis da década de 1960 e disse que ali foi criado “um novo terreno para o sentimento revolucionário” (2014, p. 16).



cultural estiveram entre intelectuais acadêmicos de matriz católica. O artigo do padre e jesuíta argentino Alfredo Sáens que Carvalho mencionou nasceu de sua participação, em 1987, no IV Congresso Católico Argentino de Filosofia. Contudo, na edição de estreia da revista católica *Gladius*, publicada em Buenos Aires, o professor de história da Universidade Nacional de Buenos Aires Antonio Caponnetto, já trouxe o termo “*revolución cultural*”, em 1984. O título do artigo era *Penetración marxista em latinoamerica* e Antonio Caponnetto afirmou que a América Latina era vítima de uma revolução imperceptível, sutil e indireta. Veja:

La *Revolución Cultural* no se ciñe a un aspecto o área específica, aunque ciertamente las hay más proclives que otras. Tampoco se agota en un sector o corriente determinada, ni mucho menos — como a veces se cree — en aquellas expresiones directas de carácter panfletario. Es una revolución por momentos imperceptible a primera vista; sutil e indirecta; hábil en mensajes anficológicos, eufemismos, elipsis y sugerencias (Caponnetto, 1984, p. 83).

Na mesma edição de *Gladius*, o professor da Universidade Católica de Santa Fé (UCSF), Juan Carlos Pablo Ballesteros, publicou *Educación y revolución en el pensamiento de Antonio Gramsci* no qual também se valeu da expressão “*revolución cultural*”. Segundo Ballesteros, Gramsci se preocupava com a política, o ato humano e como a educação e a pedagogia eram disputadas nas escolas, teatros, bibliotecas, museus, jardins botânicos etc. (1984, p. 57). A propósito da procedência da expressão “*revolución cultural*”, o professor e historiador Caponnetto fez referência em nota da obra *La Revolución Cultural em la Argentina* (1974) de Abelardo Pithod, mestre em sociologia pela Sorbonne (1984, p. 83-84).²⁰

²⁰ Pithod não teria citado Gramsci em seu estudo, mas falou sobre uma instrumentalização revolucionária da psicologia a partir da confluência entre Marx e Freud, no qual a revolução estaria no interior do próprio homem e não, exatamente, nas estruturas econômicas (Pithod, 1974 apud Caponnetto, 1984, p. 83).



Além da revista argentina *Gladius*, o antigramscismo também apareceu em revistas católicas chilenas, como *Communio* e *El Mercurio*. *Communio* era uma publicação internacional fundada, entre outros, por Joseph Ratzinger (futuro Papa Bento XVI) e realizou em Santiago um seminário sobre Antonio Gramsci, em 1987. O evento contou com a participação do italiano Del Noce, do cientista político Ángel Maestro e do ex-ministro da Cultura da Espanha Ricardo de la Cierva.²¹ O seminário realizado sobre Gramsci pela revista *Communio* não acontecera naquele ano por acaso, mas como resposta às celebrações do cinquentenário da morte do comunista sardo realizados por grupos e partidos de esquerda.

Foi também em 1987 que o padre argentino Alfredo Sáenz apresentou outro estudo sobre Gramsci na sede da *Corporación de Abogados Católicos*, em Buenos Aires, que acabou se tornando espécie de referência dentro daquele circuito católico e anticomunista latino-americano. *Antonio Gramsci y la Revolución Cultural* (1987) tornou-se livro de várias reedições na Argentina e ainda foi publicado no México, pela Editorial APC, vinculada à *Asociación Occidental*.²² A teoria gramsciana, segundo Sáenz, poderia ser resumida pelo rechaço da transcendência, visto que nela a hegemonia proletária se alcançaria com uma nova cosmovisão introduzida na sociedade: “*la nueva conciencia del inmanentismo integral*”.

“Se trata de recuperar esa importancia que se atribuye al hombre, pero no vinculándolo a una vacua “trascendencia”, sino a la misma historia del hombre, la que es hecha por el hombre y para el hombre, a través de la cual el hombre se crea a sí mismo.”
(Sáenz, 1984, p. 37)

²¹ Sobre o seminário foi lançado um livro que incluiu, por exemplo, a transcrição do debate na *Televisión Nacional* entre Ángel Maestro e Ricardo de la Cierva, bem como entrevista da revista *El Mercurio* com Del Noce (Mussi e Bianchi, 2022, p. 9-10)

²² Até onde conseguimos ver, a 9ª e última edição saiu pela *Ediciones Gladius*, em 2012. Ver em site da Fundação Gladius. Disponível em: <https://fundaciongladius.store/producto/antonio-gramsci-y-la-revolucion-cultural/>. Acesso em: 04 de ago. 2024.



Ainda que não seja possível realizar aqui maior detalhamento dessas leituras católicas latino-americanas de Gramsci, é certo que Olavo de Carvalho se valeu delas e, como o pa. Sáenz já havia realizado, publicou um ensaio filosófico político com a expressão “*revolução cultural*” estampada no título. Além dessa relação, há também outro plausível caminho que explicaria o encontro de Carvalho com aquela literatura. Em 1990, Carvalho tornou-se estudante do Conjunto de Pesquisa Filosófica (Conpefil) da PUC-RJ, coordenado pelo jesuíta letão Stanislavs Ladusāns. Padre e doutor em filosofia, Ladusāns pertenceu ao Instituto Brasileiro de Filosofia, à Academia Brasileira de Filosofia e também chegou a ser presidente da Associação Católica Interamericana de Filosofia (ACIF).

Stanislavs Ladusāns se doutorou, em 1946, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, e preferiu não voltar à sua terra natal devido ao domínio dessa pela União Soviética. Diante disso, o jesuíta letão acabou sendo enviado ao Brasil, segundo o próprio, para atuar como professor da Faculdade de Nossa Senhora Medianeira, instituição essa ligada à Ordem dos Jesuítas (Ladusāns, 1976, p. 8). Em 1979, Ladusāns lançou um pequeno artigo pela Universidade Autônoma de Novo Leão, no México, denunciando situação de abandono, silenciamento e terror no qual estaria vivendo o catolicismo e o povo da Letônia sob a égide do comunismo soviético. Na publicação, ele relatou perseguições e deportações em massa para áreas distantes da União Soviética que ganharia na



Letônia o título de genocídio comunista (*Komunistiskā genocīda upuru piemiņas diena*).²³

| 119

Em 2012, Olavo de Carvalho relatou como conheceu Ladusāns e passou a freqüentar suas aulas no Rio de Janeiro aos finais de semana.²⁴ Todavia, com a morte do padre doutor, em 1993, o Conpefil foi encerrado e Carvalho não conseguiu concluir a graduação de filosofia (Carvalho, 2012, p. 76). Para o ex-aluno de Carvalho, Ronald Robson, o jesuíta letão completaria o trio - ao lado do psicólogo argentino Juan Cesar Müller e do artista plástico francês Michel Veber - que auxiliou Olavo de Carvalho no seu desenvolvimento intelectual (Robson, 2013, local 187 a 819). Segundo Carvalho (2012, p. 77), aquelas aulas no Conpefil lhe deixaram marcas profundas, como a própria segurança para publicar textos de filosofia, e não seria estranho que ali ele fosse apresentado, assim como outros alunos de Ladusāns, àqueles autores anticomunistas que publicavam em revistas católicas sul-americanas, como *Gladius*, *Communio* e *El Mercurio*.

O antigramscismo no Brasil

²³ De acordo com o Museu da Ocupação da Letônia (*Latvijas Okupācijas Muzejs*), em 1940 a Constituição da Letônia foi violada por uma eleição parlamentar (*Saeima*), no qual apenas os candidatos do Bloco do Povo Trabalhador da Letônia, controlado pelos soviéticos, puderam participar. Em junho de 1941, depois de perder o país para os nazistas, os soviéticos deportaram 15443 pessoas, incluindo 3741 menores de 16 anos, para áreas distantes da URSS. Atualmente, no dia 14 de junho, manifestações públicas oficiais acontecem no país - como no Memorial às Vítimas da Ocupação Soviética - em lembrança das vítimas do chamado genocídio comunista (Museu da Ocupação da Letônia, 2024) (COMMUNIST genocide..., 2024) (*AN EVENT to mark...*, 2024).

²⁴ Olavo de Carvalho contou, em 2012, que leu a coleção de Stanislavs Ladusāns sobre filósofos brasileiros - *Rumos da filosofia atual no Brasil em auto-retratos* - e se impressionou com o espaço dedicado a Mário Ferreira dos Santos. Através da irmã de Mário Ferreira, Carvalho conheceu Stanislavs Ladusāns e lhe entregou um estudo autoral sobre o filósofo brasileiro. A avaliação foi positiva e então Carvalho teria sido convidado a cursar o Conpefil, ligado à PUC-RJ. Segundo Carvalho, o Conpefil tinha um convênio com a Universidade de Navarra, na Espanha, e durante três anos ele teve aulas com o padre letão aos sábados (Carvalho, 2012, p. 76).



Segundo Daniela Mussi e Álvaro Bianchi, Olavo de Carvalho por ser ele considerado o principal introdutor do antigramscismo no Brasil e, somado a isso, ele teria sido o primeiro dessa vertente, assim como Rush Limbaugh nos Estados Unidos, a poder contar com meios massificados de divulgação de suas ideias que iam além de material impresso (2022, p. 13-16).²⁵ Com sucesso significativo nas redes digitais, Carvalho cultivou a imagem de um intelectual humilde que teria enfrentado no passado o desprezo e a tirania da academia e de seus autores comunistas (Leão e Pereira Neto, 2021). Em 2012, Carvalho lembrou que quando escreveu *A Nova Era e a Revolução Cultural* ninguém o levou a sério, mas essa situação teria mudado, quase dez anos depois, com publicações antigramscistas de militares. Confira:

O primeiro sinal de que alguém havia me prestado alguma atenção não veio senão decorrida quase uma década, e não veio dos liberais. Um artigo memorável do general José Fábrega, publicado em jornal de pequena circulação, mostrou que entre os militares havia ainda alguma inteligência desperta, o que veio a se comprovar nos anos seguintes com os dois livros espetaculares, tecnicamente perfeitos, do general Sérgio Augusto de Avelar Coutinho, *A Revolução Gramscista no Ocidente* (Rio, Estandarte, 2002) e *Cadernos da Liberdade (Belo Horizonte, Grupo Inconfidência, 2004)*, infelizmente publicados tarde demais para poder inspirar qualquer ação eficaz contra o projeto de controle hegemônico da sociedade brasileira, àquela altura já praticamente vitorioso (Diário do Comércio, 2012).

No livro do general Sérgio Augusto de Avelar Coutinho sobre Gramsci, Olavo de Carvalho foi alçado à posição de conhecedor maior da estratégia

²⁵ Em 1998, Carvalho já estava na internet com o blog *Sapientiam autem non vincit malitia* (A sabedoria não é vencida pela malícia) e, junto com outros articulistas, criou o site Mídia Sem Máscara (MSM), em 2002. Em 2004, quando o Orkut foi criado, quatro comunidades da rede já faziam referência direta ao escritor: *Olavo de Carvalho, A filosofia de Olavo de Carvalho, Olavo de Carvalho nos odeia, Eu odeio o Olavo de Carvalho*. Nesses círculos digitais à direita aconteciam debates acalorados, troca de ideias e bibliografia entre conservadores, liberais e *ancaps* (anarcocapitalistas). Foi nesses ambientes digitais a partir, sobretudo, de 2006 que nasceram, segundo Camila Rocha, as novas direitas brasileiras (2019, p. 120-121).



“marxista-gramscista”.²⁶ Apesar de incontestável a importância de Carvalho para a disseminação daquelas ideias, ele não foi o sujeito que teria apresentado Gramsci e o antigramscismo à caserna.²⁷ O próprio general Coutinho, como chefe do Centro de Inteligência do Exército (CIE), assinou um relatório periódico mensal (RPM), em 1989, que trazia o nome de Gramsci. O relatório tratava, entre outras, da “nova esquerda” e da volta ao país dos “subversivos”:

“Inspirados e influenciados quando de sua estada no estrangeiro pelos pensamentos do ideólogo italiano Antonio Gramsci, considerado depois de Lênin o maior teórico do marxismo, passaram a buscar o domínio das instituições culturais e de educação” (RPM, 1989 apud Pedretti, 2024, p. 163).

A questão é que, no final dos anos 1980, o general Coutinho não era o único a conhecer Gramsci no âmbito militar brasileiro. Em outubro de 1987, um evento no Clube da Aeronáutica no Rio de Janeiro foi investigado pelo Serviço Nacional de Inteligência (SNI) e ganhou repercussão na imprensa (Tognozzi; Filho; Dias, 1987). Relevantes militares teriam participado daquela conferência, no qual duras críticas teriam sido desferidas ao governo Sarney, e o palestrante, Jorge Boaventura, ainda teria dito que o filósofo Rousseau era um “cretino” e que comunistas e socialistas, com apoio da burguesia, adotavam a estratégia de Antonio Gramsci (ROUSSEAU é cretino..., 1987, p. 4).²⁸

²⁶ Coutinho também citou o intelectual marxista brasileiro Carlos Nelson Coutinho, veja: “Para fechar este “post-scriptum”, gostaríamos de citar dois autores que, pela longa vivência e pelo seguro conhecimento do pensamento revolucionário de Antônio Gramsci, muito entendem da “guerra de movimento” marxista-leninista e da “guerra de posição” marxista-gramscista, embora com pontos de vista e posições intelectuais divergentes: o Professor Carlos Nelson Coutinho e o Filósofo Olavo de Carvalho.” (2002, p. 77)

²⁷ No final da década de 1990, Olavo realizou várias conferências para polícias militares e no Estado-Maior do Exército e recebeu a Medalha do Pacificador, em 1999, pelo general Gleuber Vieira, comandante do Exército no governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), e a Medalha do Mérito Santos Dumont pela Aeronáutica, em 2001 (Manso, 2020, p. 280 e 281).

²⁸ O evento foi promovido pela Associação Brasileira de Defesa da Democracia (ABDD), entidade fundada por lideranças militares da ativa e da reserva, em 1985, ligadas ao CIE que depois passou a ser chefiado pelo general Coutinho. A ABDD, por sua vez, produzia a revista *Postos de Vistas* com posições antiesquerdistas de cardeais, políticos e empresários, como a do vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) Carlos Eduardo Moreira Ferreira.



Licenciado em filosofia e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Escola Superior de Guerra (ESG), Jorge Boaventura também foi membro da divisão de assuntos sociais da *Inter-American Defense College*, em Washington (EUA), e chegou a integrar comissões e cargos no Ministério da Educação e Cultura. Nos anos 1980, já possuía livros de caráter filosófico e anticomunista e, em 1988, publicou artigo na *Folha de S. Paulo* sobre a “estratégia de Antonio Gramsci”.²⁹ Naquele, o objetivo de Boaventura foi denunciar que a formação da nova constituinte era parte de um processo revolucionário que dispensava o uso da força em prol de uma “guerra de posições, lenta e paciente” de infiltração por “centros de irradiação de prestígio cultural” (Boaventura, 1988).

No final dos anos de 1980, não se pode dizer que Antonio Gramsci era um autor desconhecido no campo intelectual brasileiro. Especialista em Gramsci e no gramscismo, Carlos Nelson Coutinho afirmou que até meados da década de 1970 as traduções do sardo no Brasil encaixavam nas prateleiras.³⁰ Todavia, com o fracasso da luta armada, as autoavaliações da esquerda e a elevação da democracia a valor histórico universal, Gramsci foi habilitado, ainda que tardiamente, nas esquerdas brasileiras e seus partidos.³¹

²⁹ Até onde consegui rastrear, a *Folha* publicou 15 artigos de Boaventura na década de 1980.

³⁰ Diferente do Brasil, a recepção de Gramsci na Argentina aconteceu ainda nos anos 1950 e seus conceitos logo passaram a serem utilizados em análises históricas e sociológicas que causavam disputas dentro do Partido Comunista Argentino (PCA) (Aricó, 1988, p. 31-62 apud Coutinho, 1999, p. 283-284). Segundo o próprio antigramscista Alfredo Sáenz, a publicação de Gramsci em espanhol se deu antes em Buenos Aires, pela Editora Lautaro, do que na própria Espanha (1987, p. 3). Já no Brasil, Gramsci foi publicado na década de 1960 pela Editora Civilização Brasileira num momento em que apareciam novos nomes ligados ao marxismo, principalmente, aqueles da Escola de Frankfurt. No entanto, o historicismo dialético de Gramsci foi atrelado naquele momento à leitura etapista do Partido Comunista Brasileiro (PCB), pouco entusiasmada na esquerda, sobre o Brasil “atrasado” ainda carecer de uma revolução nacional burguesa (Coutinho, 1999, p. 285-289).

³¹ No final da década de 1980, documentos de Encontros e Congressos do Partido dos Trabalhadores (PT), por exemplo, já traziam formulações gramscianas. No VII Encontro Nacional do Partido, em 1990, a maior parte das teses apresentadas continha conceitos e problemáticas gramscianas, como sociedade civil, hegemonia e bloco histórico. No entanto, é preciso destacar que o Gramsci do PMDB ou do PPS não tinha a mesma verve revolucionária daquele, por exemplo, das correntes minoritárias do PT (Coutinho, 1999, p. 298-299).



Fora dos partidos os conceitos gramscianos também apareciam no jornalismo e na literatura política brasileira, inclusive, entre liberais. Em 1987, o diplomata, escritor e jornalista José Guilherme Merquior enalteceu Gramsci como um intelectual da sociologia e da história que, diferente de outros marxistas, não carregava o “anticapitalismo romântico”. E, já em 1997, Fernando Henrique Cardoso também citou Gramsci numa entrevista a fim de se legitimar como progressista ainda que defendesse o Estado e a economia liberal (Merquior, 1987, p. 135-155; Cardoso, 1997. Apud Coutinho, 1999, p. 297-298 e 302).³² É certo que dentro desse espectro não esquerdista, porém não radical à direita, Gramsci sofria críticas, mas não era desabilitado como um intelectual de marca maior pelo fato de teorizado e defendido os ideais marxistas.³³

Pode-se dizer que o jornalista Márcio Moreira Alves – também citado por Carvalho em seu livro – seguia essa linha liberal de crítica à esquerda, e registrou no jornal *O Globo*, em junho de 1994, que o PT tinha um alto escalão oportunista que deturpava as ideias gramscistas. Intitulado *Revolução passiva*, Alves avaliou que o programa de governo apresentado na campanha de Lula era pautado em Gramsci, mas a estratégia para chegar lá seria aquela, em sua opinião, errônea da “revolução passiva” via Estado já teorizado pela filósofa Christine Buci-Glucksmann.³⁴ Confira:

Quer dizer: a posse do aparelho do Estado pode propiciar um golpe ideológico, com resultados opostos ao imaginados por Gramsci, de vez que se forma um simples bloco de poder, gerenciável pelo Estado ou por uma burocracia, em vez de se formarem “as novas relações entre os intelectuais e o povo-massa, entre dirigentes e dirigidos, entre governantes e

³² Não conseguimos acesso à entrevista de FHC na revista *Veja*, porém líderes petistas escreveram na *Folha de S. Paulo*, em 1997, sobre o que chamaram de “intrigante” entrevista do presidente na qual ele se “proclamava novamente de esquerda” e se apoiava em diferentes pensadores, como Gramsci, Bobbio e Hobsbawm. (Marinho, Genro, Rossetto, 1997).

³³ Sobre as críticas podemos citar o próprio Merquior que, em artigo no *Jornal do Brasil*, rebateu Coutinho – à época ainda militante do PCB - sobre a sua argumentação conciliatória entre intelectuais marxistas clássicos e a democracia. Segundo Merquior, até mesmo com o comunista italiano essa conciliação seria árdua, visto que a *hegemonia* em Gramsci ao estilo Coutinho dificilmente se encaixaria no pluralismo democrático e seus conflitos institucionalizados (1981, p. 26-39 apud Bianchi, 2023, p. 47-48).

³⁴ Alves chegou a citar um trecho na íntegra da filósofa, mas não mencionou em qual obra seria.



governados, relações constituídas por uma adesão orgânica, na qual o sentimento da paixão torna-se compreensão e, portanto, saber”.

Em resumo: a ideia de se fazer uma revolução passiva, através do aparelho do Estado, pode não ter nada a ver com a meta de implantar um socialismo democrático. Manipulada por uma burocracia, pode ser, apenas, uma maneira mascarada de propor o antigo “socialismo real”, totalitário, que fracassou na Europa do Leste (Alves, 1994).

Apesar de Olavo de Carvalho ter elogiado o pequeno artigo de Márcio Moreira Alves e que o mesmo resgatava, parcialmente, a honra da grande imprensa (2014, p. 65), a diferença ideológica e de abordagem daquele para com o tema era expressivo quando comparado, por exemplo, a de Carvalho, Boaventura e do general Coutinho.³⁵ Em nenhum momento, o artigo n’*O Globo* de Alves rechaçava Gramsci como figura intelectual de referência o que também não aconteceu na tese, citada por Carvalho, do professor da USP Oliveiros da Silva Ferreira (1986). Ferreira elaborou um trabalho no campo da Teoria Política, influenciado pela *culture turn*, que pensou hegemonia e outros conceitos, como partido e senso comum, à luz de Gramsci (Kritsch, 2013).³⁶

Anticomunismo e antiliberalismo e a singularidade de Carvalho

Não há dúvida do papel relevante que Olavo de Carvalho e a ideia de “revolução cultural” ou “hegemonia cultural esquerdista” exerceram dentro da

³⁵ Na década de 1960, Márcio Moreira Alves era deputado federal (MDB) quando foi cassado pela ditadura, em 1968, depois de um enfático discurso contra os militares (Higa, 2023) (Motta, 2019). Depois do exílio, Alves retornou ao país em 1979, e na década de 1980 militou pelo PMDB e retomou sua carreira de jornalismo.

³⁶ A fim de pensar a força de manutenção ou desestabilização da hegemonia, Ferreira também elaborou *a teoria das quatro posses essenciais* (religiosa, sexualidade, econômicas e políticas) com base em Marx (Kritsch, 2013, p. 85). De todo modo, sabe-se que Oliveiros da Silva Ferreira foi um intelectual controverso que, ao tempo em que citava Lênin, demonstrava simpatia pelo regime militar brasileiro (Queiroz, 2017).



radicalidade brasileira à direita no século XXI.³⁷ Contudo, em seu ensaio filosófico político de 1994, Carvalho previu, na verdade, a imposição da ideologia de Capra sobre a de Gramsci. Ainda que no Brasil, segundo ele, o gramscismo resistisse, o futuro pertenceria aos adeptos da “Nova Era” e seus “exércitos triunfantes”. Confira:

O gramscismo fez muito sucesso nos anos 60, inspirando a febre passageira do eurocomunismo e revigorando algumas esperanças comunistas. No Brasil, conquistou praticamente a esquerda inteira, e o PT é um partido essencialmente gramsciano, admita-o ou não explicitamente. Mas o intento de renovação foi fraco e tardio: o comunismo acabou sendo derrotado pela ascensão mundial da ideologia da Nova Era. Afinal, a mistura de física quântica e simbolismos orientais, experiências psíquicas e sexo livre, promessas de paz e miragens de auto-realização, que essa ideologia oferece, é infinitamente mais sedutora do que qualquer “historicismo absoluto”. O Brasil, sempre atrasado, é um dos poucos lugares do mundo onde o combate ainda prossegue, com um feroz núcleo de remanescentes gramscianos oferecendo uma quixotesca resistência local aos exércitos triunfantes da Nova Era (2014, p. 21).

Enquanto nos Estados Unidos, para conservadores como Rush Limbaugh, a chamada *New Age Liberalism* era parte da esquerda, aqui a “Nova Era” descrita por Carvalho representava espécie de campo progressista fora dela. Embora ideologias semelhantes ganhassem lugares diferentes dentro do espectro político, visto que lá os liberais estariam mais à centro-esquerda e aqui à centro-direita, o fato é que Carvalho, Limbaugh e LaRouche voltavam-se, igualmente, contra um problema clássico para os conservadores da segunda metade do século XX: a contracultura e seus desdobramentos sociais que afastariam a sociedade e,

³⁷ Camila Rocha (2022), em artigo na Folha de S. Paulo, escreveu que era inegável a importância de Carvalho, como intelectual público, na história recente do país, e o professor da UERJ João Cesar de Castro Rocha, numa entrevista ao jornalista Luís Nassif, chegou a afirmar que: “Eu vou dizer a seguinte frase Nassif: nunca houve nesse país um intelectual que tenha tido um efeito tão grande na vida política brasileira quanto Olavo de Carvalho. Ponto.” (2024, min. 8).



sobretudo, a juventude do conservadorismo moral e das religiões tradicionais. LaRouche preocupava-se com as drogas, o rock, a homossexualidade e terapias alternativas, como o yoga;³⁸ Limbaugh com o “paganismo” e o “terror ambiental” dos “místicos ambientalistas” oriundos da “*Age of aquarius*” que atuavam nas universidades e no Partido Democrata; e Carvalho – ainda sem o mesmo poder de alcance dos dois primeiros – denunciava as supostas bravatas de Fritjof Capra, ambientalista e escritor estadunidense ligado ao movimento da Nova Era.

A respeito desse fenômeno cultural – também identificado como a “religião” da contracultura – pode-se dizer que esse, já final do século XX, passou por forte processo de popularização, integrou-se ao mercado de consumo e entretenimento e perdeu, em grande parte, sua força antissistêmica dos anos 1960 e 1970 (Hellas e Woodhead, 2000, p. 112 apud Guerriero, 2016, p. 15-16). Somado ao colapso dos regimes comunistas no Leste Europeu e à derrocada, de modo geral, dos partidos comunistas no Ocidente, pode-se intuir a lógica de Carvalho quando escreveu que Capra, junto do liberalismo de Francis Fukuyama, já teria vencido o comunismo gramscista.³⁹ Todavia, o cenário nacional se mostraria distinto, uma vez que o ideal de revolução gramscista manter-se-ia pujante tendo o Partido dos Trabalhadores (PT) como uma de suas principais forças de capilaridade.

É importante perceber em LaRouche, Limbaugh e Carvalho latente aversão ao liberalismo - ainda que esse possa apresentar diferentes facetas - quando sabemos que o antiliberalismo fora historicamente comum entre aqueles que se posicionaram entre o conservadorismo e o extremismo de direita.⁴⁰ No

³⁸Na edição já mencionada da *EIR* de 1980, Criton Zoakos disse que psicólogos sociais e programas escolares com respaldo da mídia promoveriam doutrinas exóticas, como a astrologia, o sufismo, o yoga e teologia da libertação que levariam crianças à masturbação, homossexualismo, lesbianismo, travestismo e prostituição (Apud Guerriero e Bein. 2021, p. 276)

³⁹

⁴⁰ Além do antiliberalismo apresentado pela atual e mundial direita populista, podemos nos remeter a clássica posição antiliberal do catolicismo ultraconservador e do nazifascismo. Além desses, vale lembrar o antiliberalismo dos conservadores tradicionalistas estadunidenses, como Russel Kirk e Eric Voegelin, e ainda aquele da escola de pensamento perenialista de René Guenón e Fritjhof Schuon. A respeito desses, não há mais dúvida que Carvalho, nos anos 1980, foi adepto do perenialismo, inclusive, adentrando na ordem esotérica de Schuon, a *tariqa Maryamiyya*. Em



livro *O Jardim das Aflições: de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil* (1995), Carvalho desenvolveu com mais profundidade essa posição, inclusive, opondo-se ao imperialismo ou a hegemonia estadunidense sobre mundo. No entanto, é preciso destacar que em sua trajetória o autor, por vezes, abrandou seu antiliberalismo em prol de aproximações estratégicas, de âmbito pessoal e político, com a direita liberal ou liberal-conservadora.⁴¹

Essa disposição estratégica justifica, por exemplo, o fato de Carvalho ter enaltecido o artigo sobre Gramsci e o PT de Márcio Moreira Alves, jornalista e ex-deputado cassado pela ditadura, quando a sua abordagem sobre o tema era de natureza distinta. O jornalista Alves, assim como o diplomata Merquior, inquietava-se com o grau de compatibilidade entre gramscismos e os princípios da democracia liberal, já a interpretação de Carvalho aproximava-se daquelas já existentes entre militares do CIE e publicações católicas latino-americanos. Ou seja, de verve anticomunista e antiliberal. Ballesteros no artigo da *Gladius* afirmou, por exemplo, que o liberalismo não conseguiria combater o gramscismo porque não carregava princípios tradicionais e universais (Ballesteros, 1984, p 56). E, Boaventura, no artigo da *Folha*, criticou o que chamou de “idolatria burguesa” pelo “mito da normalidade democrática”, e ainda questionou: “Realmente, a quem pertencem os veículos através do quais vem sendo executada a estratégia de Gramsci? Por acaso, os partidos comunistas? E quem os financia, pela via da publicidade, por acaso os subversivos?” (1988).

suma, o perenialismo é avesso à modernidade ocidental e suas instituições políticas, científicas e educacionais. Sobre a relação de Carvalho com o perenialismo ver: Taitelbaum (2020) Robson (2023) e Chaloub (2022).

⁴¹ Em meados dos anos 1990, por exemplo, Carvalho esteve próximo do Instituto Liberal do Rio de Janeiro e, entre 2000 e 2005, foi convidado para palestrar no Fórum da Liberdade em Porto Alegre, evento esse de prestígio na época entre militantes no país do pró-mercado. Em 2014, em momento de união do campo da direita contra o governo Dilma, Carvalho também disse - em entrevista de comemoração de duas décadas do livro *A Nova Era e a Revolução Cultural* - que o maior beneficiado do movimento Nova Era era o islamismo, mas não mencionou mais a ligação desse com o liberalismo e Fukuyama (2014, p. 178-179).



Se o italiano Del Noce e o inglês Roger Scruton se debruçaram sobre as ideias que circularam nas marchas estudantis dos anos 1960, a preocupação daqueles católicos ultraconservadores latino-americanos era com a derrocada das ditaduras sul-americanas e a força política que as esquerdas poderiam adquirir em tempos de democracia. Essa questão também era a dos militares brasileiros, visto que o general Coutinho tratou da volta dos “subversivos” e o apoio a esses da Teologia da Libertação, e Boaventura do suposto dirigismo velado dos comunistas ao processo da nova constituinte brasileira (RPM, 1989 apud Pedretti, 2024, p. 163) (Boaventura, 1988). Ainda por parte dos teólogos ultraconservadores, o argentino Alfredo Sáenz condenou o modernismo dentro da Igreja que inspirava sacerdotes a se afastarem da tradição para fundarem associações católicas socialistas (Sáenz, 1987, p. 26-27).

Assim como Boaventura, Sáenz e Coutinho, o autor de *A Nova Era e a Revolução Cultural* também demonstrava preocupação com os movimentos sociais e populares que surgiam na Nova República no início dos anos 1990. O movimento pela Ética na Política e as passeatas da juventude “cara-pintada” que deflagraram a CPI dos “Anões do orçamento” e o impeachment do presidente Fernando Collor, segundo Carvalho, eram de inspiração gramsciana. Comparando o movimento pela Ética na Política de 1992 e o conceito gramsciano *Estado Ético*, Carvalho disse o movimento politizava a ética e no fundo nada tinha a ver com aquilo que o cidadão comum entendia por moral. (2014, p.48-49). No prefácio da segunda edição do livro, ainda em 1994, ele voltou a tratar do assunto. Repare:

[...] O pior é que essa propaganda já não transmite sequer idéias ou símbolos de uma doutrina revolucionária, mas limita-se a repetir, de maneira rasa, literal e direta, as reivindicações do dia: fora Collor, morte aos corruptos, viva o Betinho, queremos sexo. Todos os anões do Congresso, reunidos e somados, não fizeram tanto mal a este país quanto essa prostituição completa da inteligência às ambições políticas imediatas e às paixões mais corriqueiras. O dinheiro perdido pode-se ganhar novamente; o espírito, quando se vai, não volta mais. Os templos abandonados



— é a experiência universal — tornam-se para sempre covis de feiteiros e bandidos (2014, p. 15 e 16).

| 129

O fato de o próprio autor ter reconhecido que aquela “propaganda” trazia reivindicações do dia e não ideias revolucionárias demonstra a essência, exatamente, popular e reformista daqueles movimentos e não, propriamente, revolucionária. De qualquer maneira, é preciso salientar que Carvalho e sua análise - apesar do engajamento ideológico semelhante - possuía contornos próprios dentro do campo que Sáenz e Boaventura, por exemplo, ocupavam. Em suma, pode-se afirmar que Carvalho se manifestava, em 1994, contra um suposto plano nefasto de ceifar a autonomia intelectual e espiritual dos indivíduos. E, nessa leitura, Capra e Gramsci assumiram caráter maquiavélico, no qual suas ideias eram como técnicas de encantamento ou ilusionismo das emoções e esperanças humanas. Repare:

As idéias de Capra e de Gramsci são puras ficções, mas nem por isto as semelhanças entre elas são mera coincidência. A simples listagem basta para por à mostra uma raiz comum:

[...]

3. Ambas insistem menos em provar alguma tese do que em induzir uma “mudança de percepção”, uma virada repentina que faça as pessoas sentirem as coisas de um modo diferente. Com Capra e Gramsci ninguém pode discutir, tese por tese, demonstração por demonstração: a conversão tem de ser integral e súbita, ou não se realiza jamais: capristas e gramscistas são “convertidos” ou “renascidos”, que num determinado instante de suas vidas “viram a luz” mediante uma rotação instantânea do eixo de sua cosmovisão. O decisivo, em ambos os casos, não é a argumentação racional, mas uma adesão prévia, volitiva ou sentimental: o sujeito “sente-se” de repente, como um todo, identificado com a Nova Era ou com a causa do proletariado, e em seguida passa a ver os detalhes de acordo com o novo quadro de referência

4. Ambas são “revoluções culturais”. Pretendem inaugurar um novo cenário mental para a humanidade, no qual todas as visões e opiniões anteriores serão implicitamente invalidadas como meras expressões subjetivas de um tempo que passou. [...]

5. A dimensão “tempo” é assim absolutizada, reinando sozinha num mundo de onde foi extirpado todo senso de

permanência e de eternidade. Em Gramsci, a amputação é explícita; em Capra e na Nova Era em geral, implícita e disfarçada pela verborrêia mística. Após essa cirurgia, a mente humana torna-se incapaz de captar o que quer que seja das relações ideais que, para além do real empírico, apontam para a esfera do possível, da infinitude, do universal. [...]

6. Com o senso da eternidade e da universalidade, vai embora também o senso da verdade, a capacidade humana de distinguir o verdadeiro do falso, substituída por um sentimento coletivo de “adequação” ao “nosso tempo”. A “supra-consciência” da Nova Era e o “intelectual coletivo” de Gramsci têm em comum a mais absoluta falta de inteligência. [...]

7. Dissolve-se também a autoconsciência reflexiva e crítica, pela qual o indivíduo humano é capaz de sobrepor-se às ilusões coletivas e julgar o seu tempo. Fechado na redoma do momento histórico, é vedado ao indivíduo enxergar para além dele, exercer os privilégios de uma inteligência autônoma, ter razão contra a opinião majoritária — seja ela a opinião conservadora do *establishment* ou o anseio coletivo dos ambiciosos insatisfeitos (Carvalho, 1994, p. 70).

Nas interpretações de Carvalho sobre ideias políticas, movimentos sociais e correntes culturais saltam aos olhos a inserção de elementos sobrenaturais e religiosos numa linguagem apocalíptica que até lembra a do anticomunismo cristão. No fim das contas, é uma abordagem que delinea o “Bem” e o “Mal” dentro de uma contínua e permanente guerra espiritual (Bianchi, 2021, p. 74) (Cruz, 2023, p. 6). Porém, Carvalho se diferencia, por exemplo, dos teólogos acadêmicos aqui já tratados quando acrescenta em sua análise misticismos e teorias pseudocientíficas, como a Programação Neurolinguística (PNL) (2014, p. 45 e 74).⁴² Diferente da preocupação com o declínio da fé cristã, Carvalho tratou sobre o perigo latente das consciências individuais serem ludibriadas, perderem suas autonomias e encerrarem sua conexão com o universo espiritual, mas não, necessariamente, católico ou cristão.

⁴² Segundo Carvalho, Mussolini acreditou que prendendo Gramsci estaria protegendo o mundo daquela mente, porém foi na cadeia que ela transformou a bruta estratégia comunista numa delicada orquestração penetrante e perigosa ao estilo Programação Neurolinguística (PNL). No livro *Jardim das Aflições* (1995), Olavo de Carvalho desenvolve todo um capítulo sobre a atuação da PNL.



Olavo de Carvalho foi oriundo de família tradicional católica dos anos 1950. Estudou em colégio católico e a mãe, por exemplo, trabalhou por décadas como secretária da Arquidiocese de São Paulo. Na defesa de posições extremistas à direita, Carvalho passou a ser identificado, sobretudo, a partir dos anos 2000, como intelectual ligado ao conservadorismo e ao catolicismo ultraconservador, porém a sua base de estudo que o projetara socialmente como professor e palestrante não fora dentro do cristianismo. Não obstante as aulas de Ladusãs no Conpefil, Olavo de Carvalho foi um assíduo integrante do movimento da Nova Era em São Paulo e, nos anos 1970 e 1980, ganhara fama com atividades professorais no campo da astrologia e, depois, no esoterismo islâmico, o sufismo.⁴³ Segue o seu depoimento:

[...] Também me chamavam atenção as religiões indígenas e africanas e todo o movimento Nova Era, com o qual tive um contato profundíssimo por ter sido durante anos redator da revista *Planeta*, que só se interessava por isso. Conheci quase todo o pessoal ligado ao movimento Nova Era em São Paulo.

Passei quase vinte anos transitando por essa área de estudos. Não só li Mircea Eliade, Carl Jung, Daitsetsu Suzuki e tantos autores afins, como cheguei a traduzir Tabu, de Allan Watts, o guru da Nova Era dos Estados Unidos. (Carvalho, 2021, p. 176-177).

Em 1979, Carvalho fundou em São Paulo, junto com Mary Lou Simonsen e Antônio Carlos S. Harres, a escola de astrologia chamada Júpiter, uma das primeiras do gênero no país (Harres, 2023). Em 1983, realizou conferência chamada *Artes Liberais na cristandade medieval* na Associação Palas Athena

⁴³ O sufismo nasceu no século VIII como uma resposta ao materialismo e riqueza islâmica advindo da expansão. Ele é o caminho espiritual e místico que levaria as pessoas ao conhecimento divino (Haqīqa), enquanto a lei islâmica (Shari'ah) é a forma como se deve organizar a vida social. O sufismo é dividido em diferentes ordens que possuem seus mestres espirituais (Shayky) , conhecimentos e tradições próprias. Houve na história tensões entre sufistas e islâmicos ortodoxos, mas na prática o sufismo não se opõe as práticas exotéricas da religião (Silva Filho, 2012).



fundada pela jornalista Lia Diskin (*O Estado de S. Paulo*, 1983, p. 30). Diskin, aliás, foi um das convidadas para o evento da Universidade Holística de Brasília, em 1993, no qual Carvalho se queixou da presença de Capra.⁴⁴ E, em 1987, quando já atuava no sufismo, ele e outros membros da *tariqa Maryamiyya* passaram uma temporada com o mestre maior da seita em Bloomington, Estados Unidos.⁴⁵

Fundador da *tariqa Maryamiyya*, Frithjof Schuon fazia parte da escola filosófica perenialista ou tradicionalista de René Guenón que rejeitava, por exemplo, o viés não espiritual no qual se assentava as instituições modernas. Além disso, no perenialismo, os conhecimentos e as verdades primordiais faziam-se presente em todas as religiões tradicionais, mas só podiam ser acessados via esotérica e ritualística (Sedgwick, 2020). Segundo Ronald Robson (2023), Olavo de Carvalho encerraria, definitivamente, suas atividades no campo místico esotérico em meados da década de 1990, mas ainda é possível identificar essas influências em *A Nova Era e a Revolução Cultural*.⁴⁶

Ali, a ideia do encerramento brutal entre a consciência humana e as luzes do plano espiritual ganhou similaridades narrativas, por exemplo, com a *New Dark Age* de LaRouche, mas também a própria era “Era Solar” de Capra. Nesses casos, mudanças na ordem social passariam sempre pela seara espiritual, sagrada e ontológica do ser humano, no qual o futuro desejado ou indesejado não se faz

⁴⁴ Ver nota de rodapé número 5.

⁴⁵ Segundo Olavo, ele fez essa viagem para ir conhecer o verdadeiro sufismo, mas também conseguir ajuda contra a perseguição que ele estava sofrendo no Brasil da *tariqa* Tradição, comandada pelo indiano Idries Shah. Carvalho detalhou detalhes de sua estadia na *tariqa* do Schuon e de suas decepções por lá: “Um dia, nos Estados Unidos, eu estava fazendo um ritual sufi na casa de um sujeito que tinha sido *mukadam* (o segundo no comando da *tariqa*). Como precisava vestir roupas islâmicas (*dialab*) para tanto, dirigi-me ao banheiro. A passar na frente de um quarto de casal, vi lá uma foto do dono da residência abraçado com um *sheikh* turco chamado Muzaffer, que era o contato de Idries Shah na Turquia, e portanto o articulador do negócio milionário de contrabando de tapetes. Ali me deu conta de que, as *tariqas* de Schuon e de Idries Shah estavam de algum modo ligadas e serviam a alguma finalidade conjunta” (2021, p.180.)

⁴⁶ Pode-se perceber em Carvalho, no início dos anos 1990, mudança significativa de suas atuações e publicações para o campo da crítica cultural e da filosofia. Em 1992, por exemplo, publicou o livreto *Símbolos e mitos no filme O silêncio dos inocentes* (1992). E, em 1993 e 1994, lecionou sobre Aristóteles na Casa de Cultura Laura Alvim (CCLA) no Rio de Janeiro (Jornal de Laura, 1993, p. 3) (Jornal de Laura, 1994, p. 3).



menos do que um apocalipse em vias de ser. As posições divergentes de Capra e Carvalho sobre o feminismo, o taoísmo e o ambientalismo não excluem o similar *ethos novaerista* presente em suas interpretações que, invariavelmente, delineavam culturas ascendentes, descendentes ou “revoluções” espirituais de modo dicotômico: alienação/revelação, dominação/libertação, passado/futuro, benigno/maligno, perdição/redenção etc.⁴⁷

Ainda quando Carvalho separou, em 1994, entre militantes comunistas e novaeristas de “sexo livre” as correntes ideológicas que introduziriam no espírito humano modificações “profundas e irreversíveis”, ele replicava uma mesma divisão do campo jovem progressista dos anos 1960 e 1970 (p. 22). Diferente da Europa e Estados Unidos, a juventude à esquerda brasileira não convergiu para os mesmos espaços, sobretudo, a partir de 1968. Os chamados “desbundados” orgulhavam-se em não compartilhar da sisudez do engajamento político tradicional e preferiam ironizar a burguesia, o regime militar, mas também a esquerda tradicional.⁴⁸ Já os chamados “conscientes” julgavam, em geral, os “desbundados” como alienados da cultura pop e passivos diante da ditadura e da realidade social do país (Napolitano, 2023, p. 103-115).

De todo modo, a formação de Olavo de Carvalho em estudos novaeristas, astrológicos, sufistas e perenialistas deixaram marcas evidentes em sua nova faceta intelectual que, ainda nos anos 1990, assumiria a função de articulista e polemista da grande imprensa. No ensaio de 1994 ainda observa-se a defesa, por exemplo, de uma espécie de universalismo espiritual em detrimento de instituições cristãs ou de qualquer regime conservador. Além disso, o autor preferiu destacar, ainda que de forma breve, a importância de manter postura

⁴⁷ Segundo o antropólogo Silas Guerreiro, o *ethos novaerista* é formado pelos seguintes componentes: ciência espiritualizada, holismo, psicologização da religião, seres espirituais, energia, magia, evolução espiritual, mudança de consciência, intuição e ligação entre natureza, corpo, mente e espírito (2016, p. 25-28).

⁴⁸ Marcos Augusto Gonçalves em texto chamado *Desbunde foi alternativa à rigidez da esquerda* exemplificou em um diálogo fictício entre dois amigos o que seria o “desbunde”: “A conversa era assim: dois amigos de esquerda se encontravam. Um perguntava: “E fulano, tem notícias dele?”. E o outro: “Fulano desbundou. Foi morar num sítio com uma comunidade, fica ouvindo rock e está traduzindo o Livro Tibetano dos Mortos”.” (Gonçalves, 2004).



crítica, inclusive, à majoritária de “opinião conservadora do *establishment*” (CARVALHO, 2014, p. 70). É claro que esses elementos não eximem suas ideias de já integrarem, em 1994, o mesmo campo ideológico dos escritores estadunidenses, intelectuais católicos sul-americanos e dos militares brasileiros citados. Entretanto, eles o singularizavam dentro desse, ou o coloca nas margens sugerindo certa “isenção” ou “superioridade” daquele autor às convencionais disputas entre direita e esquerda.

Conclusão

Este artigo colocou no centro de sua análise o livro ensaístico de Olavo de Carvalho publicado em 1994, *A Nova Era e a Revolução Cultural*, e buscou rastrear, a partir das próprias referências apresentadas, campos de produção político-ideológica que já vinham sustentando posições semelhantes àquelas. Em primeiro lugar, autores alternativos e ultraconservadores estadunidenses, como Rush Limbaugh e Lyndon LaRouche, produziram argumentação e teorias conspiratórias, nos anos 1980 e início dos 1990, em torno da chamada *Age of Aquarius* ou *New Age liberalism*. Em segundo lugar, é possível afirmar que Carvalho se apropriou do termo “*revolución cultural*” de uma literatura católica latino-americana ultraconservadora e antigramscista.

No Brasil, é certo também que, antes de Carvalho, o antigramscismo já circulava entre militares e simpatizantes do CIE, como o general Coutinho e o prof. Jorge Boaventura. Entretanto, a intenção de evidenciar que as ideias presentes no ensaio de Olavo de Carvalho de 1994 – para Ronald Robson, a estreia do seu professor na filosofia – não eram, propriamente, originais não tem como objetivo final a desclassificação daquele autor. Na verdade, ao analisarmos a chamada *New Age liberalism* e a *Revolución Cultural* e aqueles intelectuais e ideólogos - de vertente antiliberal e anticomunista – que a tratavam percebemos que os argumentos de Carvalho possuíam, já em 1994, ancoragem robusta dentro um campo político internacional marcado pela rejeição absoluta ao ideário esquerdista e liberal progressista.



Além disso, não se pode esquecer que Olavo Carvalho não adveio - apesar das aulas com o padre jesuíta e doutor em filosofia Stanislav Ladusãns - de uma tradicional formação política conservadora ou teológica católica. Ainda que essas influências tenham arquitetado o ensaio, a presença ali do que chamamos de *ethos novaerista* singularizava-o. Advindo de conhecimentos sobrepostos e oriundos de pseudociências e doutrinas esotéricas, Olavo Carvalho manteve sua escrita flertando com espécie de “Nova Era aos avessos”. Nessa, conspiracionistas e falsos profetas de técnicas ilusionistas, ao estilo PNLs, alienavam as consciências individuais e poucos – incluindo o autor – conseguiam enxergar a catastrófica ameaça.

Referências

ALVES, Márcio Moreira. Revolução passiva. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 jun. 1994. O País, p. 4-4.

AN EVENT to mark the Commemoration Day for the Victims of Communist Genocide. Ministry of Foreign Affairs of Latvia, 19 de mar. 2024. Current events. Disponível em: https://www.mfa.gov.lv/en/article/event-mark-commemoration-day-victims-communist-genocide?utm_source=https%3A%2F%2Fwww.google.com%2F. Acesso em: 27 de jun. 2024.

ARICÓ, José. La cola del diablo. Itinerário de Gramsci em América Latina. Buenos Aires: Puntosur, 1988.

BALLESTEROS, Juan Pablo. Educación y revolución en el pensamiento de Antonio Gramsci. *Gladius*, v. I, n. 2, p. 43-60, 1984.

BELMONTE, Roberto Villar. Fritjof Capra volta ao Brasil em agosto. *EcoAgências*, jul. de 2003. Nacional. Disponível em: <https://www.agirazul.com.br/fsm4/fsm/00000198.htm>. Acesso em: 16 de jul. 2024.

BIANCHI, Alvaro. Olavo de Carvalho e a Guerra Cultural das Novas Direitas. *Em Tese*, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 67-78, set./dez. 2021.

BOAVENTURA, Jorge. Parabéns às esquerdas. *Folha de S. Paulo*, 14 de mar. 1988. Opinião, p. A3.

BUONANNI, Ricardo. O ponto de mutação – Fritjof Capra. *YouTube*, 3 de fev 2016 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AjAPHaWvQx8>. Acesso em: 27 de fev 2025.



CALDEIRA, Odilon Neto. “Nosso nome é Enéas!”: Partido de Reedificação da Ordem Nacional (1989-2006). *Tese* (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

CAMPBELL, Colin. The Cult, the cultc mileu, and secularization. In HILL, M. (Ed.). *A Sociologia yearbook of Religion in Britain*. Londres: SCM Press, 1972, p. 122 Apud GUERRIERO, S. (et al.) Os componentes constitutivos da Nova Era: a formação de um novo *ethos*. *Rever*, ano 16, nº 2, mai.-ago., 2016.

CAPONNETTO, Antonio. *Penetracion marxista em latinoamerica*. *Gladius*, v. I, n. 2, p. 63-91, 1984, p. 83. Disponível em: <https://dn790005.ca.archive.org/o/items/ColeccionRevistas/Gladius01.pdf>. Acesso em: 3 de set. 2024.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

CARVALHO, Olavo de. *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra e Antônio Gramsci*. Campinas: Vide Editorial, 2014.

CARVALHO, Olavo de. *O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o materialismo e a religião civil*. São Paulo: É realizações, 2000.

CARVALHO, Olavo de. Mundo e província. *O Globo*, 9 de out. 2004. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/mundo-e-provincia/>. Acesso em: 28 de ago. 2024.

CARVALHO, Olavo de. Robin Hoods ao contrário. *Diário do Comércio*, São Paulo, 4 de jul. 2005. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/robin-hoods-ao-contrario/>. Acesso em: 31 de mar. 2025.

CARVALHO, Olavo de. O mundo como jamais funcionou. *Diário do Comércio*, 11 de dezembro 2006. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/por-tras-da-subversao/>. Acesso em: 29 de ago. 2024.

CARVALHO, Olavo de. Miséria sem grandeza: a filosofia universitária no Brasil. In: *A filosofia e seu inverso: e outros estudos*. Campinas (SP): Vide Editorial, 2012.

CARVALHO, Olavo de. *O saber e o enigma: introdução ao estudo dos esoterismos*. Campinas, SP: Vide Editorial, 202.



CAYMMI, Stella in Stella Caymmi. Histórias do antepassado do COF – 4 25 anos do livro "A Nova Era e A Revolução Cultural", de Olavo de Carvalho. *YouTube*, 23 de out. de 2019. (min. 12-13). Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=h_oBguPoLCs&t=867s&ab_channel=StellaCaymmi. Acesso em: 29 de abril. 2024.

CHAER, Márcio. O complô de Sarney. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 19 out. 1987. Opinião, p. 2.

CHALOUB, Jorge. Uma obra entre o reacionarismo e o conservadorismo: o pensamento

de Olavo de Carvalho. *doisPontos*., Curitiba, São Carlos, volume 19, número 2, p. 78-96, julho de 2022.

COMO A direita de apropriou da obra de George Orwell. *Estado de S. Paulo*, 24 de jan. 2021. Aliás. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/alias/como-a-direita-se-apropriou-da-obra-de-george-orwell/>. Acesso em: 12 de jan. 2023.

COMMUNIST genocide remembered 83 years on in Latvia. *Eng.LSM.lv (Latvian Public Broadcasting)*, 14 de junho de 2024. Disponível em: https://eng.lsm.lv/article/culture/history/14.06.2024-communist-genocide-remembered-83-years-on-in-latvia.a557468/?utm_source=lsm&utm_medium=article-bottom&utm_campaign=article. Acesso em: 27 de junho 2024.

COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci. *Um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

COUTINHO, Sergio Augusto de Avellar. *A revolução gramscista no ocidente: a concepção revolucionária de Antonio Gramsci em os Cadernos do*. Rio de Janeiro: Ombro a ombro, 2002. Disponível em: <https://www.defesanet.com.br/wp-content/uploads/2023/02/A-concepcao-Revolucionaria-de-antonio-Gramsci.pdf>. Acesso em: 20 de mar. 2025.

CRUZ, Natalia dos Reis. O Pensamento Olavista sobre a Nova Ordem Internacional. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 15, n. 39, e0201, ago. 2023.

DE LA TORRE, R. Religiosidades indo y afroamericanas y circuitos de espiritualidade *new age*. In: DE LA TORRE, R. ZÚNIGA, C. G., Huet, N. J. (Coord.) *Variaciones y apropiaciones latinoamericanas del new age*. México: Ciesas. 2013.

DEL NOCE, Augusto. *Il suicidio della rivoluzione*. Milano: Rusconi, 1978, p 96. Apud BIANCHI, Alvaro; MUSSI, Daniela. *Op. cit.*, 2022.



ARMITAGE, David R. The international turn in intellectual history. In: MCMAHON, Darrin M.; MOYN, Samuel (orgs.). *Rethinking modern european intellectual history*. Nova Iorque: Oxford University, 2014. p. 232-252.

Executive Intelligence Review (EIR), volume 7, number 18, May 13, 1980. Disponível em: <https://larouchepub.com/eiw/public/1980/eirv07n18-19800513/index.html>. Acesso em: 27 ago. 2024.

Executive Intelligence Review (EIR), volume 24, number 35, ago. de 1997 (capa). Disponível em: <https://archive.org/details/eirv24n35-19970829/mode/2up>. Acesso em: 28 de fev. 2025.

Enéas TV. Dr. Enéas. Programa Ratinho Livre – 1998. *YouTube*, 14 de jan. 2016. (min. 8). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZJSq2Yr52S4>. Acesso em: 28 de fev. 2025.

FERGUSON, Marilyn. *A conspiração aquariana*. Transformações pessoais e sociais nos anos 80. Rio de Janeiro: Record, 1995.

FERREIRA, Oliveiros da Silva. *Os 45 cavaleiros húngaros: uma leitura dos Cadernos de Gramsci*. São Paulo: HUCITEC. . Acesso em: 25 mar. 2025. , 1986.

FRITJOF CAPRA fala em São Paulo sobre uma nova visão de mundo. *O Estado de S. Paulo*, 14 de nov. 1993. *Jornal de Recursos Humanos*, p. J11.

GOLÇALVES, Marcos Augusto. Desbunde foi alternativa à rigidez da esquerda. *Folha de S. Paulo*, 21 de mar. 2004. Comentário. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2103200419.htm>. Acesso em: 27 de mar. 2025.

GUERRIERO, S. (et al.) Os componentes constitutivos da Nova Era: a formação de um novo *ethos*. *Rever*, ano 16, n° 2, mai.-ago, 2016.

GUERRIERO, Silas e BEIN, Carlos. Teorias da conspiração no movimento Nova Era. *Relegens Thréskeia*, v. 10, n° 2, p. 261-280, 2021.

HANEGRAFF, W. *New age religion and western culture, esotericism in the mirror of secular thought*. Leiden: Brill Academic Publishers, 1996.

HARRES, Antônio Carlos S. A Astrologia no Brasil. *Espaço Astrológico*. Disponível em: <https://espacoastrologico.com.br/astrologia-no-brasil/>. Acesso em: 31 de out. 2023.

HEELAS, P. WOODHEAD, L. *Religion in Modern Times. An interpretive anthology*. Londres: Blackwell Publishing, 2000.

HIGA, C. C. Márcio Moreira Alves e o AI-5: o discurso que tornou a dita ainda mais dura. *Jornal Opção*, 2 de set. 2023. Periscópio. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/periscopio/marcio-moreira-alves-e-o-ai-5-o-discurso-que-tornou-a-dita-ainda-mais-dura-526689/>. Acesso em: 18 de mar. 2025.

ITALIE, Hilley. Lyndon LaRouche's conspiracy mindset lives on. *APnews*, 15 de fev. 2019. Articles. Disponível em:



<https://apnews.com/article/f37818ce7354487fa7d0032f032d2e03>. Acesso em: 28 de ago. 2024.

GORE, A. *Terra em Balanço: ecologia e o espírito humano*. São Paulo: Editora Gaia, 2008.

| 139 *Jornal de Laura*. Rio de Janeiro, ano 1, nº5, maio.-junho, 1993. Cursos, p. 3.

Jornal de Laura, Rio de Janeiro, ano 2, nº10, mar.-abr, 1994. Cursos, p. 3.

JOHSON, George. *Architects of Fear: Conspiracy Theories and Paranoia in American Politics* Los Angeles: Jeremy P. Tarcher, 1983.

KRITSCH, Raquel. De Gramsci à teoria das posses essenciais: política, cultura e hegemonia em “Os 45 cavaleiros húngaros”. *Revista Estudos Políticos: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF) e do Núcleo de Estudos em Teoria Política (UFRJ)*. Rio de Janeiro, nº 6, pp. 77-101, Julho 2013. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>.

LADUSÃNS, Stanislavs. *Rumos da filosofia atual no Brasil em auto-retratos*. São Paulo: Edições Loyola, 1976.

LADUSÃNS, Stanislavs. O Silêncio que não Silênciã. *Humanitas – Anuario Del Centro de Estudios Humanísticos, Universidad de Nuevo León*, nº 20, p. 41-45, 1979. Disponível em: <https://marioferreiradossantosfilosofiaconcreta.wordpress.com/tag/prof-dr-pe-stanislavs-ladusans/>. Acesso em: 25 de jun. 2024.

LEÃO, Daniel Velasco; PEREIRA NETO, Paulo da Costa. Facetas do Guru do Presidente: Representações audiovisuais de Olavo de Carvalho no YouTube e em O Jardim das Aflição. *Em Tese*, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 214-244, set./dez., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1806-5023. DOI:<https://doi.org/10.5007/1806-5023.2021.e78973>.

LEÃO, Igor e GIRARDI, Leone R. O pensamento ambiental de Al Gore. *Economia & Tecnologia*, ano 06, vol. 22, pp. 129-136, jul/set. 2010.

LIMBAUGH, Rush. *See, I told you so*. New York: Pocket Books, 1993.

LUIZ SALOMÃO denuncia conspiração. *Correio Braziliense*, 11 de jun. 1987, p. 5. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/135222/Junho87%20-%200639.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 de ago. 2024.

MANSO, Bruno Paes. *A república das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2020.

MARINHO, L. GENRO, T. ROSSETO, M. FHC e o movimento sindical. *Folha de S. Paulo*, 30 de out. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/10/30/opiniao/9.html>. Acesso em: 18 de mar. 2025.

MERQUIOR, José Guilherme *Marxismo e democracia: as idéias e as formas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

MERQUIOR, J. G. *O marxismo ocidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1987.



Mitchell Assis. O Ponto de Mutação (filme 1990). YouTube, 21 de abril 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Q-c5_xnRsTI Acesso em: 23 de set. 2024.

MOTTA, A. A. Há 10 anos, morria o autor de discurso que gerou ira dos militares da ditadura. *O Globo*, 2 de abr. 2019. Em destaque. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/ha-10-anos-morria-autor-de-discurso-que-gerou-ira-dos-militares-na-ditadura-23565494>. Acesso em: 18 de mar. 2025.

Museu da Ocupação da Letônia. *Museum of the Occupation of Latvia*. The first soviet occupation. History at Latvia. Disponível em: <https://okupacijasmuzejs.lv/en/history>. Acesso em: 27 de jun. 2024.

MUSSI, Daniela; BIANCHI, Alvaro. Antigramscismo na América Latina: circulação e tradução de ideias. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 37, p. 1-29, 2022.

NAPOLITANO, Marcos. *Juventude e contracultura*. São Paulo: Editora Contexto, 2023.

O Estado de S. Paulo, p. 30, 3 de setembro de 1983. Cidades e Serviços.

PEDRETTI, Lucas. *A transição inacabada: violência de Estado e direitos humanos na redemocratização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

PITHOD, Abelardo. *La Revolución Cultural em la Argentina* (1974). Buenos Aires: Cruz y Fierro Editores, 1974.

QUEIROZ, Cristina. Um heterodoxo no pensamento político brasileiro. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, ed. 261, jun. de 2017. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/um-heterodoxo-no-pensamento-politico-brasileiro/>. Acesso em: 26 de mar. 2025.

ROCHA, Camila. 'Menos Marx, mais Mises': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ROCHA, Camila; MEDEIROS, Jonas. Jair Bolsonaro and the Dominant Counterpublicity. *Brazilian Political Science Review*, v. 15, p. e0004, 2021.

ROCHA, Camila. Como Olavo de Carvalho se tornou o pai espiritual da direita brasileira. *Folha de S. Paulo*, 5 de fev. 2022. Ilustríssima. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/02/como-olavo-de-carvalho-se-tornou-o-pai-espiritual-da-direita-brasileira.shtml>. Acesso em: 16 de jul. 2022.



ROCHA, João Cesar de Castro in TV GGN. O QUE EXPLICA O FENÔMENO PABLO MARÇAL: ECONOMIA DA ATENÇÃO | PROFESSOR CASTRO ROCHA DECIFRA O CÓDIGO. *YouTube*, 12 de ago. 2024. (min. 8). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mjZmCuwS-oc&t=2s>. Acesso em: 8 de dez. 2024.

ROBSON, Ronald. *O mínimo sobre Olavo de Carvalho*. Campinas: O Mínimo Editora, 2023.

ROUSSEAU é ‘cretino’, diz professor. *Folha de S. Paulo*, 9 de out. 1987. Política, p. 4.

RUSH LIMBAUGH, radialista americano famoso por comentários racistas, machistas e conspiratórios, morre aos 70 anos. *BBC News Brasil*, 17 fevereiro de 2021. Internacional. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56104127> Acesso em: 22 de ago. 2024.

SCRUTON, Roger. *Thinkers of the New Left*. Harlow (Essex), Longman, 1985.

SÁENZ, Alfredo. La estratégia ateisante de Antonio Gramsci. *Gladius*, v. I, n. 2, p. 43-60, 1984.

SÁENZ, Alfredo. Antonio Gramsci y la Revolución cultural. *Corporación de Abogados Católicos*, Buenos Aires, 1987.

SÁENZ, Alfredo. La estratégia ateísta de Antonio Gramsci, em *Ateísmo y Vigencia del Pensamiento Católico*. Actas del Cuarto Congreso Católico Argentino de Filosofía, Córdoba, Asociación Católica Interamericana de Filosofía, p. 355-366, 1988.

SEVERO, Richard. Lyndon LaRouche, Cult Figure Who Ran for President 8 Times, Dies at 96. *New York Times*, 13 de fev. 2019. Obituaries. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/02/13/obituaries/lyndon-larouche-dead.html>. Acesso em: 27 de ago. 2024.

SILVA FILHO, Mário. A mística islâmica em *terrae Brasilis*: o sufismo e as Ordens Sufis em São Paulo. 2012. 174 f. *Dissertação* (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2012.

TEITEALBAUM, B. *Guerra pela eternidade: O retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2020.

TOGNOZZI ; M.FILHO; E. DIAS, E. Linha dura do Exército se une para fazer política. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 8 18 de out. 1987. Política.

ZOAKOS, Criton. The Aquarian Conspiracy's Road to Orwell's 1984. *Executive Intelligence Review* (EIR), volume 7, number 18, May 13, p. 22. 1980.